

# FEIRAS DO PASSADO

Daniel Ferreira/CB - 17/9/04

Os ponteiros do relógio de acrílico marcam seis em ponto. Estático há anos, sinaliza a alvorada e o crepúsculo de uma estrutura erguida em nome da saudade. Criada na década de 70 para ser uma amostra permanente da diversidade brasileira, a Galeria dos Estados se transformou em um relegado centro de comércio popular. Situada entre o Setor Bancário Sul e o Setor Comercial Sul, a galeria tem 77 boxes. Deles, apenas um segue o propósito inicial de revenda de artesanatos regionais, de reviver origens por meio de objetos.

A fachada do box 34 ainda é ilustrado pelo velho painel com letras em estilo retrô, que indicam a Alvorada Cearense. Redes, balaños, esteiras, rendas, doce e castanha de caju... Produtos de toda a sorte, todos bem a cara do Ceará. No balcão, quem atende é Pedro Leôncio de Araújo, 67 anos, responsável pela loja e testemunha da história da galeria. O último a resistir aos barulhentos cacarecos de Taiwan, ao cheiro forte dos artigos de salões de beleza e às confecções que dominam o comércio. A opção por vender os mesmos artigos da época da inauguração parte de uma ideologia de defesa dos conterrâneos. "Seria mais lucrativo seguir os outros e mudar de ramo. Mas penso em quem está lá no Ceará e que depende dessa venda para alimentar os filhos", justifica.

Seu Pedro chegou aqui em 1977, semi-analfabeto, casado, pai de quatro meninas pequenas. Só dominava o ofício da lavoura, mas aceitou o emprego de um cunhado para ser vendedor na galeria recém-inaugurada. Sofreu com o preconceito de ser um nordestino lascado e com quem confundia pobreza com má índole. Comprava produtos de artesãos da Feira da Torre para revendê-los na loja e garantir um dinheiro extra. Naquele tempo, a circulação na galeria mesclava os trabalhadores da região à gente de todo o DF que se dirigia ao local em busca do que só encontrava na terra natal. Havia lojas com artigos de pratica-



mente todos os estados, muitas mantidas com apoio dos governos. Os turistas, especialmente estrangeiros, também marcavam presença maciça, fascinados com os muitos brasis dentro do mesmo Brasil. Alguns dos dólares que deixaram nas compras ajudaram seu Pedro a construir a casa onde mora, no Guará. Com o dinheiro da galeria, ele também conseguiu formar quatro filhas na universidade. Três delas são servidoras públicas.

Nas visitas à terrinha para comprar produtos, seu Pedro se dá conta do avanço alcançado em Brasília. Sem dúvida, sente menos saudade do Ceará do que da antiga estrutura da galeria. Lamenta o sumiço da abundância de sotaques, de cheiros, de tradições. O comerciante se queixa dos boxes inativos - são pelo menos 17, entre os que se

transformaram em depósito ou simplesmente baixaram as portas. "Fala-se aí que a cidade tem crescido para o turismo. Com incentivo e boa vontade, era possível refazer a velha galeria", acredita. O administrador de Brasília, Ricardo Pires, garante estar atento para os problemas da área. Segundo ele, uma proposta será encaminhada para a Terracap (responsável pelo terreno) para que os boxes sejam licitados. No entanto, a referência aos estados pode continuar só no nome da galeria. "Podemos pensar em cláusulas sobre a destinação do espaço, mas isso dependeria de uma ação conjunta de governo", antecipa Pires. Ou seja, a galeria dificilmente será dos estados.

Cada pioneiro encontrou fórmulas próprias de agregar conterrâneos. Os filhos da pernambuca-

na São José do Egito, por exemplo, promovem regularmente uma festa para exaltar a cidade. Nos dias de jogos, torcidas do Vitória, Cruzeiro, Grêmio, Flamengo transformam bares em redutos de baianos, mineiros, gaúchos e cariocas - e simpatizantes, é claro. Por muito tempo, no entanto, o grande ponto de encontro era a Festa dos Estados, promovida anualmente pela Casa do Candango. Criada informalmente em 1961, a feira cultural parava a cidade por três dias e tinha apoio dos governos de quase todos os estados.

A pioneira Zely Ornellas, 80, acompanhou de perto o apogeu do evento. Carioca e ex-primeira dama do DF, ela conta histórias sobre certa competição entre os estados durante os dias de festa. Mobilizadas, as primeiras damas buscavam trazer atrações complexas, como grupos folclóricos e artistas da televisão, que ajudassem a atrair maior público para as barracas.

Com o tempo, perdeu o brilho. Até meados da década de 90, ainda atraía grande público (em 1996 chegou a quase um milhão de pessoas e 25 estados representados). Mas acabou prejudicada por causa de iniciativas como a abertura de estandes para comércio sem vínculo regional e a concorrência com outras feiras. "Tudo foi descaracterizado. Perdeu o posto de festa para ser mais um evento comercial", reclama Zely. Há quatro anos, a Secretaria de Turismo tenta restabelecer seu aspectos importantes. A idéia é refazer a feira nos moldes de quando foi criada. Lúcia Flecha de Lima, presidente da Casa do Candango e idealizadora do projeto de revitalização, concorda que a feira cedeu ao apelo comercial. "De ponto de encontro dos candangos e descendentes, se transformou em um evento impessoal. Buscamos seu resgate nas últimas edições, até como forma de estimular o turismo nacional a partir da variedade de tradições brasileiras", diz. Este ano, a festa deve ser realizada no primeiro fim de semana de agosto. (JRT)